

## CARIOCAS E ESTRANGEIROS: GÊNERO E IDENTIDADE NACIONAL NO PROCESSO IDENTITÁRIO

**Renata de Melo Rosa**

Doutoranda em Antropologia da América Latina

Ceppac - Centro de Pesquisa e Pós-Graduação Sobre a América Latina e o Caribe

Mestre em Sociologia e Antropologia - IFCS - UFRJ

O texto se baseia na pesquisa de dissertação de Mestrado no IFCS/UFRJ.

Como pensar a articulação entre gênero e identidade nacional? Em que medida uma e outra categoria estão interligadas? A partir de quais critérios uma categoria fornece elementos para a constituição da outra? O desafio proposto neste trabalho é articular essas duas categorias, a partir do material tomado aqui para reflexão. Convém destacar que a finalidade deste texto não é de caráter conclusivo, mas propositivo. Esta qualidade pode ser atribuída à discussão relativamente incipiente, no Brasil, a respeito da conexão identitária entre gênero e identidade nacional. Portanto, o escopo das discussões engendradas no texto deve ser lido a partir deste caráter “experimental”, que atualmente envolve esta temática.

O material ancora-se na pesquisa realizada no Rio de Janeiro com um grupo de doze mulheres, com idade entre 23 e 35 anos, com identidades “raciais” diversas, que percorrem, em grande medida, o contínuo de cor relativo ao senso comum brasileiro<sup>i</sup>, muito mais que a definição estanque de identidades “raciais” polares<sup>ii</sup>. O que as une enquanto grupo é o fato de todas estarem refletindo sobre a experiência de se relacionar com homens estrangeiros<sup>iii</sup>. Serão tomados como focos centrais da análise, trajetórias que ilustram de modo bastante sintomático os olhares femininos das brasileiras em contraste com os olhares masculinos dos estrangeiros. A composição deste quadro de representações, femininos e nacionais, de um lado, e masculinos e estrangeiros, de outro, revela o modo pelo qual, ser mulher e brasileira constitui um elemento simbólico que, do ponto de vista das brasileiras, agrega valor às suas identidades frente a mulheres de outras nacionalidades. Contudo, do ponto de vista dos estrangeiros, a visão mais frequente é de mulher latina, sem distinção de uma nacionalidade específica. Ser brasileira e carioca é interpretado pelos estrangeiros como sinal de sexualidade exacerbada, de um lado, e de uma mulher tradicional, de outro. Tal articulação será melhor explicitada ao longo do presente trabalho.

Ângela Cristina, Roberta, Érika, Cíntia e Flávia fazem parte deste grupo de mulheres cariocas que não escondem o desejo de se casarem com homens estrangeiros. Ângela Cristina, a mais velha de todas, 35 anos, “negra”<sup>iv</sup>, já realizou seu “projeto”: é casada com um italiano e reside atualmente em Veneza. Roberta, 25 anos, “branca” pretende se casar com Neil, de Liverpool. Érika, 24 anos, “branca”, está morando com Larry, na Virgínia, sul dos Estados Unidos. Cíntia, 28 anos, “branca”, manteve um relacionamento com um alemão que, apesar de frustrado, continua fazendo parte do conteúdo simbólico de sua identidade. Flávia, 26 anos, “negra”, namorou um rapaz argentino, seguido de um holandês. Embora a trajetória de cada uma se distinga sensivelmente por questões ligadas a classe, cor e escolha profissional, todas as moças pesquisadas constroem (ou corroboram) estereótipos em relação a si próprias como brasileiras, em relação aos homens brasileiros, e em relação a seus parceiros e seus locais de origem, além de vivenciarem a “imposição” de se “tornarem” brasileiras no exterior.

A partir das cartas enviadas pelos estrangeiros e da análise dos anúncios de intercâmbio amoroso em um jornal de circulação carioca - BALCÃO, buscarei apreender as representações masculinas e estrangeiras a respeito das brasileiras. Por outro lado, tomarei os discursos deste grupo de mulheres cariocas sobre os estrangeiros e sua situação vivida no exterior. Tal contraponto nos permitirá visualizar o modo pelo qual as representações femininas e masculinas tendem a criar uma esfera simbólica própria, em torno da qual a margem de inteligibilidade do campo discursivo masculino e do feminino resulta em crescentes ambigüidades. As brasileiras são interpretadas por esses estrangeiros como “mulheres quentes”. Ao contrário, as européias e americanas são vistas como “frias”. Esta classificação “quente” e “fria” destinada ao gênero feminino faz com que, de um lado, as brasileiras pesquisadas se sintam “superiores” às “frias”, pois seriam mais descontraídas e supostamente “não teriam problemas sexuais”. Por outro lado, se sentem inferiorizadas por não serem vistas como mulheres emancipadas, sem necessidade da figura de um homem provedor. Estes conflitos marcam as trajetórias dessas mulheres, especialmente se levarmos em consideração o acesso e conhecimento dessas moças ao chamado “discurso feminista”, já que o grupo pesquisado possui um nível educacional acima da média da população feminina brasileira – todas possuem curso superior.

As idéias que hierarquizam as relações de gênero, cor e nacionalidade estão fortemente expressas em cartas e anúncios de possíveis parceiros estrangeiros com quem algumas mulheres se comunicam. O conteúdo das cartas e dos anúncios revela diversas “exigências” por parte dos estrangeiros: a procura por uma esposa, a intenção de formar uma família, o pedido de fotos com trajes de banho, o envio de dinheiro, entre outras coisas. Um dos instrumentos de sedução masculina baseia-se na oferta de casamento e na possibilidade de sustentar financeiramente a pretendente à esposa. As palavras casamento, “relacionamento sério” e o desejo de formar uma família com uma brasileira são as mais presentes nos anúncios e cartas.

Entre os anúncios pesquisados<sup>y</sup>, a maioria dos pretendentes são europeus, com 88% dos casos. A nacionalidade mais freqüente é a alemã, seguida da holandesa, inglesa e italiana. Os outros 12% de estrangeiros são de origem norte-americana e canadense. Suas idades variam entre 23 e 51 anos.

O requisito “beleza” é o mais exigido pelos estrangeiros, com 40% dos casos. O segundo é a faixa etária, que gira em torno dos vinte aos trinta anos e constitui a exigência de 28% dos casos pesquisados. Em seguida, a combinação da faixa etária e beleza, com 12%. Ser fiel e honesta está em quarto lugar das exigências dos estrangeiros, com 8%. Ser mulata ocupou a última posição, com 4%.

Os estrangeiros se apresentam como pessoas sérias e responsáveis, interessadas em casamento. Esta palavra é utilizada freqüentemente para definir o tipo de intenção relativa à mulher brasileira. As palavras “casamento” e “relacionamento sério” estão presentes em 71% dos anúncios pesquisados. A procura por um “amor” ou “amizade” constitui 21% dos casos. Alguns apresentam requisitos que, no seu entender, seriam suficientes para o investimento em um relacionamento com uma mulher brasileira. Estes casos são expressos através do aprendizado prévio da língua portuguesa (7% dos interessados) ou de ter uma “alma latina” (7%).

Vejamos alguns desses anúncios:

Alemão, 40 anos, 1, 71m, 68 Kg, não fuma/bebe. Procura brasileira, mulata, 30 anos, 1, 55 – 1,65m, magra, carinhosa, que não fume, para futuro casamento: Hans-J. Heidel, Leuschnerstr. 27, 68642 Buerstadt/Alemanha

Aleman atractivo, juvenil, solvente, com alma latina busca chica hermosa para relacion estable. Hablo tambien ingles. Lissmame. Tel.: 0034-70-041592.

“Hello, I would like to start a long-lasting correspondence and friendship to a nice girl from Rio de Janeiro.”  
Christian, Áustria.

“Brazil is a exciting place to have a penpal in. So I hope that you will correspond with me.”  
Mats, Suécia.

“Je recherche une femme pour fonder un foyer et avoir beaucoup d’enfants. Mon désir le plus profond c’est qu’il soit d’un pays d’amérique central et pourquoi pas le “Brazil.”  
Jean Baptiste, França.

Vejamos como a representação do Brasil, do Rio de Janeiro e das mulheres que ali vivem parece fazer parte de uma unidade coerente nas representações desses estrangeiros. A associação entre gênero, identidade nacional, cor e excitação estão imbricadas neste modelo de representação. Trata-se de uma associação simbólica que engloba as noções de natureza tropical exuberante, de um lado, e de natureza feminina, de outro, cujo fato de ter nacionalidade brasileira e pertencer ao gênero feminino, guardaria atributos específicos, como o livre exercício da sexualidade e a beleza física. Ao mesmo tempo, espera-se que as brasileiras, embora com uma sexualidade “livre”, tenham uma “vocação” para cuidar da casa e dos filhos, haja vista a alta incidência da palavra casamento nos anúncios. O paradoxo entre a “mulher amante” e a “mulher do lar” parece ser dissolvido na menção à mulher brasileira, já que supostamente sua identidade abarcaria estas duas dimensões. A impressão que se tem é que, de um lado, as mulheres brasileiras estariam no “estado de natureza<sup>vi</sup>”, no que tange ao exercício de sua sexualidade, ao passo que, na esfera doméstica, ela aderiria tacitamente à divisão sexual do trabalho. Esta expectativa “masculina”, “européia” ou norte-americana é, por vezes, corroborada pelas entrevistadas, que concordam em enviar fotos seminuas e alimentam, ao mesmo tempo, o desejo de “formar um lar”. Contudo, embora elas corroborem com este modelo de identidade em um primeiro momento, ao longo do relacionamento, estes traços identitários caricaturais tendem a formar um abismo cognitivo entre os parceiros, que, por vezes, impossibilita a compreensão da natureza contextual e relacional, através da qual essas identidades aprisionam seus sentidos.

## O “príncipe encantado” e a construção do amor romântico

*A abordagem dos homens europeus é mais elegante. Não existe aquela baixaria que o homem brasileiro faz. (Ângela Cristina)*

*O amor é a projeção de uma fantasia. E eu acho que a fantasia participa muito no romance com um europeu. (Cintia)*

O fator mais importante observado na escolha de um estrangeiro é o valor atribuído às suas identidades nacionais. O *status* desses parceiros está diretamente relacionado à sua identidade nacional e a conseqüente capacidade de ser provedor da mulher e do lar. Devido a estas representações, os estrangeiros são freqüentemente comparados à figura do “príncipe encantado”, como podemos observar no trecho a seguir, em que Roberta atribui ao namorado norte-americano esta imagem idealizada:

*E ele era lindo, ele era um príncipe encantado, eu falo que ele era um príncipe encantado porque ele tinha tudo que um príncipe encantado tem que ter: ele era lindo, lindo, lindo, tinha dinheiro e era carinhoso, era perfeito.*

Roberta prossegue na caracterização de seu parceiro e na justificativa da procura por um estrangeiro. Comparados aos brasileiros, os estrangeiros marcariam uma linha divisória simbólica, a partir da qual, eles representariam o estágio mais avançado da civilização, no sentido lato do termo: de um lado, seriam representantes da espécie humana (ou pelo menos do que a espécie humana deveria ser) e, de outro, enquanto indivíduos do sexo masculino, seriam provedores, gentis, românticos, belos, etc.

*Eu acho que quando você conhece um estrangeiro tem todo um encanto. Ele vai pensar coisas que você não tinha pensado antes, vai te mostrar coisas que aqui você não tem. Então, eu acho que você se apaixona pela idéia da pessoa, pela imagem. A primeira coisa que acontece é essa paixão pela imagem da pessoa, pelo cara que vem de fora, que vai te levar para outro país. Ele tem um tipo físico completamente diferente dos brasileiros. Ele vai te levar para uma outra vida, entendeu? **Vai arcar com você de uma hora para outra. O cara vai arcar com todas as tuas despesas, vai te carregar com ele para onde ele for e vai te levar para um país que pode te dar uma oportunidade de vida que você não tem aqui.** Eu acho que é tudo junto. Você vai conhecer outros lugares que você não conhecia antes, que talvez você nem teria oportunidade de conhecer. É a imagem do príncipe encantado, que vai te dar um monte de coisas que você não ia conseguir aqui. Você se apaixona pela história de amor que você pode realizar.*

O tipo de relacionamento almejado por este grupo supõe a intenção não só de conjugalidade com os “estrangeiros”, como o desejo de saída do país rumo à Europa ou aos Estados Unidos<sup>vii</sup>, aliado ao fato de o homem estrangeiro, independente de sua ocupação, ser sempre visto como o provedor da esposa ou namorada, e do lar. Esta idéia foi verificada em muitos momentos na fala das entrevistadas, como o acima citado. A seguir, o depoimento de Érika expressa a tríade de um desejo conjugado pelo homem americano, pela língua inglesa e pelos Estados Unidos. Atualmente, está morando na Virgínia com o namorado americano:

*Olha, eu vou ser sincera. Eu sempre gostei do idioma inglês. Eu ia para a Cultura Inglesa<sup>viii</sup> com o maior prazer. Eu me formei lá. E eu queria ir morar nos Estados Unidos, sempre quis ter uma experiência de vida lá. E sempre gostei dos homens americanos.*

*Os americanos são muito bonitos. E eu não tinha muita chance de conversar com eles para saber o que eles pensam e como é a cabeça deles, que é completamente diferente da dos brasileiros.*

*Eu apreciava, eles me atraíam fisicamente. E, no fundo, no fundo, eu sempre achei que ia acabar morando lá em algum momento da minha vida, eu sempre achei isso, sempre tive isso na minha cabeça. Eles são diferentes. Os homens americanos são muito diferentes dos brasileiros.*

A construção do “amor romântico<sup>ix</sup>” é elaborada a partir do contato com homens europeus ou americanos. Segundo as moças pesquisadas, a diferença entre um brasileiro e um europeu residiria no grau de civilização e na elaboração dos costumes. Enquanto os últimos seriam educados, gentis, apreciadores da beleza da mulher brasileira e guardariam as características de um cavalheiro, tal como no “conto de fadas”, o homem brasileiro seria grosseiro, exigente e vulgar. A “elegância” aliada à “beleza”, própria dos europeus ou americanos, seria a mola

mestra da elaboração do romance. Ângela Cristina expressa a diferença e quase oposição entre europeus e brasileiros e delega ao homem nacional a categoria mais baixa da escala.

*A grande maioria dos homens europeus é muito romântica. Os homens se apresentam no primeiro encontro com um maço de flores, coisa que aqui não se faz minimamente. Aqui o primeiro encontro é para tomar um choppinho. Aquele clima de romantismo aqui praticamente não existe. Aquele coisa de vamos jantar fora não existe.*

*Eu não me relaciono com homens brasileiros porque homem brasileiro dá azar. Homem brasileiro não é pecado, é a própria maldição.*

*Se eu tivesse que me casar com um homem brasileiro (rindo) hoje, eu não faria nem a pagamento. Nem a pagamento eu faria, nem a pagamento. Não faria absolutamente. Conheci homens, tive namorados, noivo brasileiro, conheci homem europeu, tive namorado, ex-namorado, ex-marido europeu, tá, e eu tive a possibilidade de avaliar um e outro. Eu, por exemplo, conheci pessoas aqui, homens aqui que disseram para mim: “você é uma mulher maravilhosa, mas se eu tivesse que casar com você eu não casaria... porque você é muito independente, você é muito autoritária”. Graças a Deus. Ainda bem que eu não te agrado porque eu não casaria com homem brasileiro, não casaria e não aconselho a ninguém casar. Se você tiver oportunidade... olha, o brasileiro, você deixa ele assim... para brincar, para conversar fiado sabe, esse tipo de coisa. Para casar não, você vai procurar... olha... que seja um português, que seja qualquer coisa, mas não um brasileiro.*

### **O mundo “maravilhoso”**

Europa e Estados Unidos estão superestimados na fala das entrevistadas e são encarados como *loci* produtores ou propiciadores de uma vida de “sonho”, de “fantasia”, um “mundo possivelmente sem falhas”. A idéia principal é viver **ao lado** de pessoas “virtuosas e felizes” (no caso, americanos ou europeus). Ângela Cristina demonstra esta atitude em sua fala:

*Eu prefiro ser pobre na Europa que rainha no Brasil. Porque pobre no Brasil não é pobre, Deus que me perdoe a palavra, é desgraçado. Pobre no Brasil não tem direito a nada. As duas únicas coisas que ainda dão de graça ao pobre é a luz do dia e a escuridão da noite e basta (rindo). Aqui se está pagando até pelo ar que se respira. Você paga por uma infinidade de coisas, sabe, muita crueldade, uma desestrutura muito grande, o Brasil é muito desestruturado.*

Este modelo interpretativo aparece alternado a situações de preconceitos vividas no exterior. Érika expõe a dificuldade de relacionamento com os americanos (excetuando seu namorado), mas não atribui valor negativo a este tipo de experiência. Curiosamente, ela interpreta os preconceitos vividos relativos a gênero e nacionalidade como um elemento secundário da cultura americana :

*Meu namorado tem muitos amigos que vão sempre na sua casa e basicamente eu conheci todos quando eu vim embora. E aí tinha um cara que morava com ele e que conseguiu um outro rapaz para morar com eles que não era do grupo dele, não era marinho que nem ele. Mas ele era enteado de um rapaz da Marinha. Eu vim embora e eles estavam reunidos, o Larry [seu namorado], o Blake, que é o que mora com ele e um outro amigo deles, e esse marinho. O Larry estava recebendo para jantar dois primos dele com as namoradas. Eles começaram a falar de mulher e já estavam bem tocados. O cara tinha bebido muito, esse cara tinha bebido muito, muito, muito, muito. Todo mundo tinha bebido muito no final do jantar. Aí esse cara virou e falou assim: “porque todas as mulheres são piranhas”.*

*Eles falam “host”... todas são safadas, piranhas mesmo, na frente das meninas. Aí todo mundo: “Pô, cara, não fala isso...” E ele: “São sim, ainda mais a gente que viaja por aí, a gente vê que*

*são sim. Você não vê a Érika...” e aí ainda citou uma americana que estava saindo com o Blake, que era garçoneiro lá. “Aqui então, na Virgínia, todas as mulheres são assim, você não vê a fulana de tal e a Érika que o Larry conheceu não sei onde?”. É aquilo que você me perguntou. Tem rótulo? Tem, mas não é regra, é exceção, é exceção.*

A restauração deste tipo de situação de preconceito aparece invariavelmente intercalada com expressões superlativas a respeito da suposta estima que os estrangeiros delegavam a ela. A fala seguinte de Érika é a respeito de como acha que vai ser sua convivência definitiva nos Estados Unidos:

*Eu acho que vai ser muito perfeito, muito mesmo. Eu fui muito bem recebida, muito, muito; muito bem recebida. Talvez não seja a regra, mas pelo menos naquela cidade foi o que eu vi.*

Cíntia viveu uma situação de preconceito na Alemanha, enquanto estava na companhia do namorado alemão. Segundo ela, o relacionamento só estava livre de tensões quando estavam sozinhos. Em companhia dos amigos, o namorado preferia não dar nenhuma demonstração de afeto a ela. A situação contada por Cíntia se passa durante alguns segundos, quando o namorado havia marcado um encontro com amigos em um restaurante. Até lá, os dois caminharam de mãos dadas. Quando se aproximaram da entrada do restaurante, Gernop (seu namorado) observou pela janela de vidro o olhar atento de um amigo àquela cena e ele automaticamente largou a mão de Cíntia.

*Entre nós dois era tudo legal, mas quando entrava mais alguém, tipo a gente ia sair com algum amigo dele e tal, aí ficava feio, entendeu? Era um coisa até que eu percebi muito deles, essa vergonha que eles têm de mostrar que gostam do outro. Uma vez aconteceu assim de a gente estar junto e nós íamos encontrar um amigo dele num restaurante. A gente foi junto para o restaurante, sabe, o maior amor, os dois grudados. Quando chegou na porta do restaurante e a gente viu o amigo dele, ele largou da minha mão. Mas foi uma coisa automática, entendeu? Ele não pensou não. Ele viu o amigo, largou a minha mão e se afastou como se fosse uma coisa assim ... como se não me conhecesse. Agora, entre nós dois era muito legal, eu não tenho do que me queixar, em questão de carinho, ele foi ótimo.*

A descrição da história por Cíntia revela a tentativa de compensar, no final do enlace dramático, a sensibilidade do namorado, o seu amor e a restauração de sua felicidade. Como em um conto de fadas<sup>x</sup>, existem situações desagradáveis, humilhantes. No entanto, elas são restauradas no final da narrativa e são interpretadas como “lições” da história. Assim, as humilhações são interpretadas como elementos úteis para o aprendizado de vida e utilizadas para adicionar maior valor à felicidade conquistada.

Imediatamente após esta situação de rejeição do namorado, Cíntia evoca o carinho do mesmo. A cultura alemã também é acionada para explicar o incidente. Segundo ela, os alemães teriam vergonha de demonstrar seus sentimentos em relação à pessoa amada porque são rígidos demais consigo mesmos.

Ângela Cristina também utiliza o mesmo recurso discursivo a fim de restaurar as situações negativas presentes em sua história. Assim que casou, foi morar em uma pequena cidade italiana, Forlì, próxima à Bolonha. Segundo ela, os moradores da cidade não conheciam uma pessoa negra. Tal como descreve, sua presença na cidade despertou “curiosidade”. A atitude

preconceituosa dos moradores frente a ela é interpretada por Ângela Cristina como “ingenuidade cultural”.

*Forli até algum tempo atrás não era uma cidade onde habitualmente se vissem estrangeiros. Obviamente, no primeiro momento poderia aparecer até mesmo uma ignorância da parte das pessoas, mas não, é a extrema curiosidade. De repente, a gente interpreta como ignorância, mas eles são europeus e não conhecem nada da minha cultura. Devagar, devagar, você vai vendo que não é tanto uma ignorância, não é tanto um preconceito. Não é uma discriminação. É talvez a vontade de ir além daquelas fronteiras que conheceram. A princípio, me aborrecia muito certo tipo de perguntas. Discriminação racial, isso daí é mais do que seguro, porém, ser discriminado dentro da Europa, eu sempre falei que a pessoa se autodiscrimina. Entenda, porque se você não sabe fazer com que te respeitem, você mesmo se está discriminando, entende? No início, quando eu ainda não sabia como me comportar diante de determinadas situações, eu me choquei muito. Depois que eu aprendi a me comportar diante de determinadas situações, não. Eu hoje não tenho, realmente o mínimo problema. Eu tenho conta num banco há cinco anos onde, do faxineiro ao diretor, todos eles, todo mundo me conhece. Já me aconteceu de por duas vezes ficar sem dinheiro no exterior, me mandarem o dinheiro para que eu quando voltasse fosse lá para assinar aquilo que eu havia recebido. São pessoas que tudo aquilo que podem fazer para me agradar, ou para me ajudar, ou lá o que seja, fazem.*

## **Quentes e Frios**

As categorias “beleza” e “atração sexual” aparecem ou como sinônimas ou como interligadas, tanto nos anúncios e cartas dos estrangeiros às brasileiras, como no discurso do grupo pesquisado. A nacionalidade é interpretada como suporte à caracterização de indivíduos “quentes” ou “frios” <sup>XI</sup>. Esta denominação polar divide, na fala das entrevistadas e nos anúncios e cartas dos estrangeiros, tipos específicos de mulheres e de homens. A “frieza” europeia é dividida por gênero. A feminina é lida como “frigidez sexual” e a masculina, como “seriedade”, “responsabilidade” e expressão de um “caráter sólido”.

## **Frios e Frias**

A interpretação da mulher europeia ou americana como sexualmente “fria” e rígida acerca das questões morais é corroborada tanto pelo grupo pesquisado como pelos estrangeiros, como demonstra o anúncio abaixo, feito por um austríaco:

*I'm a goodlooking businessman. I need a lovely family, that's why I'm look for you. The Austrian girls are boring. Please write in ingl/germ BVOHJG, PO. Box 575, A-1041 Vienna/Austria.*

Roberta demonstra em sua interpretação, um tipo de divisão simbólica entre brasileiros e europeus, a partir da experiência com o namorado inglês. Esta divisão revela o modo pelo qual

a “frieza” do homem inglês pertence a uma natureza diferente daquela relativa à mulher inglesa, por exemplo. Aqui, a “frieza” masculina está ligada a atributos positivos da personalidade:

*O Neil é todo inglês, todo sério, o que ele fala não volta atrás. E todo mundo aqui no Brasil adorou ele, todo mundo confiou. O Neil ganha em uma coisa que é confiança, por ele ser inglês. Os ingleses têm essa característica de serem muito sérios, muito certinhos. Eu acho isso legal porque você confia mais em uma pessoa quando ela é assim. O que ela passa na tua frente te deixa muito mais confiante do que um brasileiro, por exemplo. Confiante do que ele fala. Por exemplo, se o Neil fala que quer casar comigo, eu sei que ele está falando sério. Não é que nem um brasileiro que quer casar com uma a cada esquina. É um temperamento mais instável, o do homem brasileiro, eu acho que eles são mais instáveis. Os ingleses não vão mudar de idéia ao olharem uma garota e ... “Ah, mudei de idéia”. Eles são bem mais sérios nesse sentido. São mais cuidadosos. Por exemplo, porque eu sou brasileira, o Neil acha que qualquer coisinha que ele faça ele vai me perder. É muito bom você ter uma pessoa assim, porque o cara vai te tratar muito melhor e ele me trata dez mil vezes melhor. Porque na cabeça dele ele pode me perder em uma bobeira que ele der. A culpa vai ser dele, não vai ser minha não. E então eles acham que o latino é muito mais envolvente e tal, que eles não podem bobear. E eles fazem tudo certinho. Ele mostra 24 horas por dia que ele gosta de mim.*

*Os brasileiros têm um jeito mais infantil, um jeito de ser mais infantilizado. Eles são mais sérios, os ingleses. Eu acho que o que aconteceu comigo é que o Neil apareceu num momento que eu não estava querendo brincadeira, era o que eu estava precisando. É difícil, porque eu não tenho aversão nenhuma a homem brasileiro, nenhuma.*

No depoimento de Roberta, a divisão “quente”/“frio” opera como um marcador simbólico, de acordo com o qual o relacionamento com Neil apresenta uma qualidade melhor do que um relacionamento com um brasileiro. De um lado, pelo fato de ser vista como mulher brasileira “quente” por Neil faz com que o namorado lhe dedique mais afeto. De outro, como Neil é visto como inglês e “frio”, sua seriedade traz segurança a Roberta e seus familiares, pois sabem que o rapaz realmente irá se casar com ela. Há uma espécie de compensação entre a “frieza” de um e a “quentura” do outro. Isto é reforçado quando seu namorado confessa o jeito de ser das inglesas, interpretadas como “sexualmente frias”. É importante percebermos como a natureza simbólica da “frieza” feminina, além de diferente da masculina, é condenada e ridicularizada por Roberta:

– Por que você acha que eles se interessam por mulheres de outros países?

*Ah, com certeza porque as mulheres de lá são bem mais frias. Eu sinto que eles [os estrangeiros] se contentam com muito pouco. Com os homens brasileiros, você tem que virar ao avesso para dar o que eles querem e os estrangeiros se contentam com muito pouco. Por quê? Porque elas dão muito pouco e o Neil me contava muito isso, a gente conversava sobre essas coisas. E ele falava que as mulheres inglesas são muito frias. Para você conseguir uma mulher, é um sacrifício. Mas é um sacrifício não porque ela faz jogo duro. É um sacrifício porque ela não quer mesmo. E ele disse que a maioria é muito fria. Você transa com elas e elas viram para o lado e dormem. Não é o cara que vira não, é ela que vira para o outro lado para dormir ou então para vestir a roupa e acabou o serviço. Depois do casamento então... E ele fala que todos os amigos reclamam a mesma coisa, que a maioria das mulheres são muito frias para essa coisa de sexo, de carinho. Por exemplo, o Neil me conta que na Inglaterra ele não se lembra de ter tido uma namorada que ele pudesse parar no meio da rua para dar um beijo.*

– E aqui?

*Aqui... aconteceu, é a coisa mais normal do mundo. Se ele sentasse e colocasse a mão dele na perna dela, aquilo já não estava legal, ela ia reclamar. A maioria dos ingleses não gosta de*



*tocar, mas o Neil sentia falta disso, entendeu? E a maioria dos caras que vêm procurar, eu não sei se é safado, mas a maioria dos caras que vêm procurar... eu acho que vêm procurar por causa disso, sentem falta de uma coisa que eles não têm porque é diferente, é uma cultura diferente.*

Nesta parte, Roberta se sente superior às mulheres inglesas por ser mais despojada e por permitir um acesso mais amplo a sua intimidade. Por outro lado, ela parece incapaz de atribuir valor positivo à tomada de decisão do lado feminino. O trecho em que Roberta retrata o modo pelo qual as mulheres inglesas exercem a sua sexualidade é paradigmático: “Você transa com elas e elas viram para o lado e dormem. Não é o cara que vira não, é ela que vira para o outro lado para dormir ou então para vestir a roupa e acabou o serviço”. Seu pensamento opera em dois níveis, aparentemente contraditórios: de um lado, ela atribui a “frieza sexual” das inglesas a uma característica cultural, ao mesmo tempo em que condena ou avalia negativamente este mesmo aspecto “cultural”, do qual ela própria irá utilizar para explicar o motivo pelo qual a sua sexualidade é “livre”. Ela não interpreta sua atitude de “ousadia sexual” como um traço relativo a sua personalidade. Para explicar o exercício de sua sexualidade contraposta a das inglesas, Roberta descreve-se como um ser plenamente cultural. A construção de sua identidade nacional e de gênero estaria ancorada no suposto da sexualidade “sem controle”. O fato de a cultura brasileira supostamente admitir a publicização da intimidade, faz dela uma mulher em plena congruência com seu *ethos* cultural. Contudo, em um outro momento de sua fala, ela questiona, embora sem aprofundar, se o interesse dos estrangeiros é, em realidade, o mesmo dos brasileiros em relação às suas mulheres: a tentativa de torná-las objeto sexual. Nesse momento, Roberta põe em xeque tanto a construção cultural, na qual ela firmemente se ancora para dar sentido às diferenças nacionais, de gênero e do exercício da sexualidade, quanto o lado interpessoal desses estrangeiros. Ela argumenta: “Eu não sei se são safados”. Em sua fala, os estrangeiros estariam sentindo falta de algo “proibido” em seu país e supostamente permitido aqui.

Érika, tal como Roberta, reforça o ideário que classifica a mulher estrangeira, e no seu caso específico, a americana, como sexualmente “fria”. Elas são descritas como se estivessem na tentativa desesperada de se assemelharem aos homens e por isso tornam-se “exageradas” e artificiais:

*É porque lá as mulheres americanas são muito diferentes das brasileiras, elas são frias, elas querem muito ser igual ao homem, elas exageram nisso, entendeu, elas exageram. O cara não pode olhar para uma mulher bonita na rua que elas fazem chique se estiverem do lado. O quê que tem ele olhar para uma mulher bonita? Eu não acho nada de mais.*

A “frieza sexual” das européias e a aversão em assumir o papel feminino de dona-de-casa é interpretado como um dado absoluto para Ângela Cristina. Ela observa que os homens europeus procuram as estrangeiras para tentar suprir esta “lacuna” deixada por suas conterrâneas. Com isso, eles estariam superando seus próprios preconceitos em relação às estrangeiras e construindo outros em relação às européias:

*O homem europeu hoje passou a ter um preconceito em relação à mulher européia porque ela é totalmente emancipada. Difícilmente você vai encontrar uma mulher européia que tenha ainda aquele pensamento da mulher brasileira: casar, viver para os filhos, para o marido e coisas desse gênero, muito raro acontecer, muito raro. A cabeça delas gira assim em torno de... dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro. Então elas acham que não têm muito tempo, muita possibilidade de assumir uma família, de se entregar a um homem, de fazer sexo... é uma coisa muito rara você ver uma européia jovem casar. Na Itália, por exemplo, quando elas começam a sentir, assim, a necessidade, a grande maioria das mulheres superaram já os 40 anos, porque até ali elas estão convictas de que o mundo é feito apenas para elas. Elas trabalham, têm carro, têm dinheiro, elas fazem aquilo que elas querem. Quando elas começam a ver que a coisa já não está mais fluindo nas proporções com que elas gostariam que fluíssem, elas passam a sentir a necessidade de encontrar um companheiro, mas demora tempos, demora tempos. Ao contrário do que a gente vê aqui no Brasil, que uma garota de 16,*

*17 anos começa a namorar, tem o primeiro namorado, ela já começa a fazer um enxoval, ela já começa a se preparar praticamente para aquilo ali. Por isso, os homens europeus têm um maior interesse nas mulheres estrangeiras porque muitos têm vontade de casar e ter filhos. Como faz um homem a casar e ter filhos com uma mulher de 45 anos? Ali ela já não vai ser mais mãe, ela vai ser avó. A intenção deles é aquela de construir realmente uma família, porém uma família sólida é muito difícil de encontrar... conseguir fazer isso na Europa é muito difícil, então eles partiram para outras mulheres. Eles esqueceram um pouco aquela onda de manter a raça, como queria Hitler. Mas hoje alguns ignoram aquilo ali, aceitam até outro tipo de cultura. Você vê muitos europeus casados com estrangeiras. Dominicanas, por exemplo, cubanas, brasileiras, um montão, muitas mesmo. Não só seguindo aquela tradição de que só a mulata vai para lá não. Você vê muita menina branca casada com europeu.*

## **Brasileiras são quentes<sup>xii</sup>**

Para Érika, a construção de “mulher quente” era recorrente à sua pessoa, quando passou uma temporada com o namorado americano. Os rapazes com que conviveu na casa do namorado não faziam questão de esconder seu desejo por “mulheres quentes” e circunscrevê-la nesta categoria pelo fato de ser brasileira. Sua “latinidade” e sexualidade eram automaticamente acionadas pelos rapazes americanos quando se referiam a ela:

*Um amigo dele uma vez, ah, eu nunca gostei dele. E ele sacaneou o Larry. A primeira vez que eu liquei para o Larry, eu falei: “O Larry, por favor”. Aí ele: Só um minuto. Ele gritou no telefone e deu para escutar: “Larry, é a sua latin-lover”(amante latina). Aí eu pensei assim: isso pode ter uma conotação boa, mas pode ter uma ruim. Por via das dúvidas, eu vou deixar bem claro que eu não quero isso de novo. E eu falei para o Larry: Você pode falar para ele que eu não quero que ele fale isso, eu não gostei. E o Larry não entendeu, ele disse: “mas ele estava brincando”. Mas não é o tipo de brincadeira que eu gosto.*

*E aí eu nunca mais escutei nada. Eu acho que é muito de posicionamento.*

A questão do posicionamento frente ao rótulo de ser sexualmente “quente” é tematizada tanto para Ângela Cristina quanto para Flávia, ambas “negras”, embora elas lidem diferentemente com sua identidade “racial”. Para elas, tal estigma era sentido através da obrigação de mostrar o quão exótica elas eram frente aos amigos do namorado ou do marido. O suposto elaborado pelos estrangeiros, a partir do qual elas saberiam e se disporem a sambar<sup>xiii</sup>, é interpretado diferentemente pelas duas, embora ambas percebam a recorrência do preconceito de gênero, cor e nacionalidade. Enquanto Ângela Cristina faz absoluta questão em dissociar sua identidade “racial” de uma suposta identidade cultural, para Flávia esta associação, embora incômoda porque imposta contextualmente, pode ser realizada. Em outras palavras, para Ângela Cristina, o fato de ser negra não a obriga, em hipótese alguma, a sambar. Ao passo que Flávia reconhece a associação entre “raça” e cultura através do pedido elaborado pelo namorado estrangeiro e seus amigos como algo relativamente comum:

Ângela Cristina:

*Bom, o problema é... você se lembra que eu falei antes com você que a discriminação parte de você em primeiro lugar. Se você se autodiscrimina seguramente você vai dar liberdade aos outros de te discriminarem. Quando se fala em mulata, quando se vê a mulata, se imagina uma mulata com biquíni enfiado no rego da bunda, com alguma coisa cobrindo a pontinha do bico do seio dela, com um monte de pena na cabeça e dançando samba. Eu gosto de cerveja, como você está vendo, mas não sei sambar. Eu desfilei em Escola de Samba aqui no Brasil*

*mas eu fazia apenas pular com a cara cheia de cerveja porque se eu não tivesse tomado cerveja, eu também não teria coragem de pular. Nunca aceitei que ninguém tirasse fotografia minha, nunca aceitei porque eu estava ali para me divertir. Não estava ali para bancar a macaca, a palhaça, na frente de uma telecâmera ou de uma máquina fotográfica. Quando alguém me pergunta lá na Itália: "Ah, mulher brasileira, pode dançar o samba?" eu respondo muito rapidamente: "Não tive tempo de aprender a dançar o samba porque me botaram muito rápido numa escola". Basta! Ali eu já fui curta, grossa e objetiva. Seguramente aquele ali, depois da insinuação de que eu seria capaz de dançar o samba, se ele tinha assim alguma outra intenção, já tirei o tesão dele em noventa e nove por cento. Se ficou um por cento é porque ele é sem vergonha. Basta! Agora, se ao invés de dar essa resposta, eu começasse a dizer: " Sim, olha como eu mexo no pé e outras coisas mais...", acabou, acabou. Toda a oportunidade é boa e a falta de respeito começa exatamente ali, no momento em que você não sabe se impor, não sabe fazer se respeitar, vira bagunça, hein, vira bagunça.*

Flávia, que compartilha este mesmo tipo de experiência relatada por Ângela Cristina, apresenta uma postura diferente desta, que tem respostas claras para este tipo de preconceito. Embora Flávia admita que existe e sofra preconceito, ela não costuma revidar às insinuações dos amigos do namorado sobre a "arte de sambar":

*Porque tem uma discriminação... mas assim, mulher e negra, porque tem um peso muito grande em cima disso, a mulher carioca é obrigada a saber dançar porque se você chega num lugar... Aliás, é obrigada a saber sambar porque se você é carioca e não sabe sambar aí fica aquela coisa: "pô, você é carioca e não sabe sambar?". A gente fica com aquele peso em cima de ter que saber dançar e quando não sabe você fica ali querendo aprender o tempo todo. Eu acho que eu sou uma pessoa como outra qualquer, entendeu, que tenho capacidade mil vezes maior que qualquer outra mulher aí, qualquer outra branca, entendeu, mas as pessoas que estão me vendo vão colocar aqui uma branca e uma negra, vão achar que eu tenho que sambar, que eu tenho obrigação por ser negra. Quando eu estava do lado do "Chino" (o namorado argentino), ele gostava de ir para esses lugares e todo mundo fazia a maior pressão para eu sambar, não acreditavam quando eu dizia que não sabia.*

Érika, nos Estados Unidos, via-se constrangida na companhia dos rapazes americanos cujo desejo de estarem ao lado de "mulheres quentes" era revelado abertamente, na mesma medida em que restringiam este grupo de mulheres apenas à esfera da satisfação sexual. O relacionamento com "essas mulheres", eles frisavam, não poderia extrapolar para outras esferas de interação social, como a família e o círculo de amigos. Érika se assustava por ser latina e namorada de um dos amigos e por saber que este era o requisito fundamental para a construção deste tipo de estereótipo:

*A gente ficava vendo televisão juntos e quando aparecia uma mulher, eles falavam: "Ah, aquela ali, aquela não é para mostrar para a mãe, não". E o amigo dele ficava: "Oh, Look at that: She's hot". E eu falava: "mas não pode aparecer uma mulher que vocês acham atraente!?" Aí ele falava: "mas tem diferença. Tem mulher que você mostra para a mãe e tem mulher que você só sai". Isso é o quê? Ah, essa coisa de machismo, lógico que tem em qualquer lugar, mas eu achava que os americanos não tinham essa cabeça de rotular, eles rotulam muito.*

*É engraçado, eu acho que... eles gostavam de sair comigo, de juntar os amigos e me chamar para sair só com homem. Eles diziam que a mulher americana é muito cheia das coisas, e eu era mais, assim relax, entendeu? Eu sempre gosto de botar uma roupinha sensual e tal. E eles gostavam de sair comigo... mas eles acham que a mulher latina, ela tem esse rótulo de ser quente, de ser diferente, mas nem sempre para o lado ruim.*

– Mas você de alguma maneira questionou esse rótulo?

*Não, eu realmente era diferente.*

Enquanto a identidade nacional feminina é elaborada pelos estrangeiros a partir de uma representação que passa necessariamente pelo corpo, como atributos físicos, exercício da sexualidade, capacidade de procriação, aparência e tipo físico, para as brasileiras, a identidade nacional dos estrangeiros é construída com base em atributos que excluem ou envolvem muito pouco a corporalidade masculina. Os atributos masculinos valorizados pelo grupo pesquisado constituem uma ordem oposta à da natureza, visto que as características valorizadas dos estrangeiros repousam na esfera da cultura, do intelecto e no grau de civilização, alcançado por estes via identidade nacional. Dessa forma, os ingleses, norte-americanos, italianos e alemães são inclinados culturalmente a serem educados, gentis, estáveis financeiramente, civilizados e espirituosos.

O quadro abaixo visa refletir sobre as características mencionadas acima. Trata-se do entrecruzamento da construção das identidades, a partir dos olhares masculinos e femininos contrapostos. Portanto, a leitura da coluna feminina é extraída a partir dos olhares masculinos/estrangeiros, enquanto que a coluna dos atributos masculinos/estrangeiros é construída a partir dos olhares das brasileiras:

Quadro de expectativas comportamentais:

<b>Mulheres/brasileiras</b>	<b>Homens/estrangeiros</b>
Sexualidade sem controle/natural	Sexualidade não é posta em xeque, tampouco exigida ou tematizada.
Beleza física	A beleza exterior é associada ao pertencimento a um tipo de grupo “racial”. Portanto, basta o parceiro ser loiro de olhos azuis para ser belo
Capacidade de procriação	Capacidade de procriação não constitui um critério de avaliação
Faixa etária (idade restrita dos 18 aos 35 anos)	As mulheres não definem a faixa etária dos estrangeiros

Reiterando o que foi dito anteriormente, observemos que enquanto a coluna das mulheres engloba atributos que se inscrevem no próprio corpo feminino, como exercício da sexualidade, faixa etária e reprodução, os homens são definidos a partir de critérios que escapam a restrição ao corpo e se destinam a características “cultiváveis” ou do intelecto: eles são civilizados, com todas as derivações de sentido que esta categoria possa adquirir na cultura ocidental. É curioso percebermos também que, enquanto os homens/estrangeiros definem os critérios a partir dos quais eles podem aderir ou não à união com uma brasileira, o lado feminino não só não questiona esta série de exigências, como tampouco aventam a possibilidade de qualquer critério de exigência para o estabelecimento da relação. A união com um estrangeiro é vista, por conseguinte, como a passagem do “estado de natureza” para o “estado de cultura”, como podemos observar no discurso de Ângela Cristina. O trecho a seguir refere-se a sua adaptação na Itália:

*Minha adaptação na Itália foi muito fácil. Sabe por quê? Porque... vamos usar uma terminologia bem vulgar, tá, bem vulgar. Difícil é... quem sempre caminhou na merda, não sentir prazer em caminhar em flores, entende? Para quem não conhece, para quem nunca saiu do Brasil, o Brasil é uma maravilha. Principalmente em dias de hoje, em que existe essa moedazinha, o real, que se apresenta, que é uma moeda forte, que eu peço a Deus que ela continue beneficiando, ajudando a algumas pessoas, ou a tantas pessoas, não sei em que nível se pode colocar (meio riso)...*

O caráter ambíguo, a natureza contextual, de um lado, e abstrata, de outro, compõem a forma pela qual as categorias relativas a gênero, corpo, sexualidade, cor e identidade nacional são percebidas e apreendidas, em um sentido pelas brasileiras, e em outro, pelos estrangeiros.

É possível observarmos que, embora o fato de ser brasileira possa ter um significado abstrato para os estrangeiros, segundo o qual se expressaria no exercício de uma sexualidade “livre”, a interpretação desta representação, por parte das brasileiras, pode, em alguns casos, reiterar ou alterar o sentido deste modelo. No caso de Roberta, o reforço deste estereótipo é nítido, embora as ambigüidades estejam sempre presentes em sua fala. Em contrapartida, o modo pelo qual Ângela Cristina reflete sobre o conteúdo de suas identidades múltiplas revela o abismo simbólico no que tange a auto-construção (imagem positiva e consciente) e a exigência externa, percebida como preconceituosa e incisiva. Tais conflitos identitários não podem ser esmiuçados aqui, por questões de tempo e espaço, mas, sem dúvida, constituem um caminho que pode revelar o modo complexo através do qual identidades e representações dificilmente se separam na interação entre gêneros e identidades nacionais diferentes e contrastivas.

**i** Ver “Racismo Cordial”/ Pesquisa DataFolha (1995) sobre a caracterização nativa dos brasileiros a partir das 115 variações de cor da pele auto-atribuídas. Sobre o contínuo de cor presente no processo identitário dos brasileiros, ver Nogueira, Oracy. Tanto Preto Quanto Branco: estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985; Maggie, Yvonne. “Cor, hierarquia e sistema de classificação: a diferença fora do lugar” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, p.149-160, 1994 e “Aqueles a quem foi negada a cor do dia: as categorias cor e raça na cultura brasileira”. In: *Raça, ciência e sociedade*, Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996 e Fry, Peter “O quê que a cinderela “negra” tem a dizer sobre a “política racial” no Brasil?”. *Revista da USP*, 1996.

**ii** Sobre este tipo de interpretação “americanizada” das relações e identidades “raciais” no Brasil, ver Michael Hanchard (1996), “Orpheu and Power”.

**iii** Esta pesquisa compôs a principal fonte de investigação de minha dissertação de Mestrado defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, em maio de 1999, sob o título: “Vivendo um Conto de Fadas: ensaio sobre cor e “fantasia” entre cariocas e estrangeiros”.

**iv** Cor declarada pelas interlocutoras. É necessário, contudo, muitas ressalvas acerca deste tipo de classificação. O fato de as moças se definirem inicialmente como “brancas” ou “negras” não significa que a rigidez destas categorias fosse observada ao longo da pesquisa. Em diversos momentos, as que se classificaram como “negras”, se percebiam como “mulatas” ou “morenas”. Em contrapartida, as “brancas” percebiam-se como “não tão brancas”, especialmente ao se compararem com os namorados estrangeiros. Em regra, a identidade de “mestiça” pode ser extraída como a mais freqüente. No entanto, mantenho esta classificação polar ao longo do trabalho, somente para melhor instrumentalização destas categorias.

**v** Foram analisados cerca de 120 anúncios, em um período de 6 meses.

**vi** Sobre a passagem do “estado de natureza” para o de cultura, ver Simmel, G. 1971 [1908]. *Subjective Culture*. In: Levine, Robert. *On individuality and social forms*. Chicago: The University of Chicago Press.

\_\_\_\_\_. 1971 [1921]. Eros, platonic and modern. In: LEVINE, Robert. *On individuality and social forms*. Chicago: The University of Chicago Press. E ainda Elias, Norbert O Processo Civilizador – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 2v. Para uma discussão a respeito do caráter dicotômico das categorias natureza e cultura no pensamento ocidental, ver Strathern, Marilyn. “No nature, no culture: the Hagen case” in MacCormack and Strathern \_ **Nature, Culture and Gender**, Cambridge and New York, Cambridge University Press, 1980. E “Entre uma melasianista e uma feminista” in **Cadernos Pagu** (8 e 9), Campinas, Unicamp, 1997. E ainda Bloch, Maurice and Bloch, Jean – “Women and the Dialectics of Nature in Eighteenth Century French Thought” in MacComarck and Strathern, op.cit.

[vii](#) Nos casos em que o relacionamento era com argentino ou uruguaio era visível o desejo das namoradas em conhecer o país natal de seus parceiros, mas não esboçavam, contudo, qualquer desejo de residirem lá.

[viii](#) Curso de inglês tradicional da cidade do Rio de Janeiro e de outras cidades no Brasil.

[ix](#) Anthony Giddens (1993) aloca a construção do amor romântico a uma característica da modernidade. A partir do momento em que as relações conjugais passam a ser encaradas como um estabelecimento de alianças individuais, criou-se a associação casamento-amor aliada a um tipo de expectativa, segundo a qual, tanto o amor quanto o casamento deveriam ser eternos. Nesse sentido, o compromisso que os indivíduos (especialmente as mulheres) assumiam frente ao amor romântico baseava-se em um investimento que as prendia ao casamento, visto que amor e casamento apareciam como categorias alternativas ou acessórias. Contudo, embora o amor romântico diga respeito às relações individuais, valores preponderantes à ideologia individualista, no sentido dumontiano, como igualdade e liberdade, sequer eram acionados na relação. Nas palavras de Giddens, “o ethos do amor romântico teve um impacto duplo sobre a situação das mulheres. Por um lado, ajudou a colocar as mulheres “em seu lugar” – o lar. Por outro, entretanto, o amor romântico pode ser encarado como um compromisso ativo e radical com o “machismo” da sociedade moderna”. Giddens, Anthony. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p.10. Nesse sentido, a visão de Giddens acerca do conteúdo do amor romântico difere da explicação, a meu ver, romantizada, de Viveiros de Castro e Araújo (1977), através da qual os autores definem a noção de amor romântico a partir dos seguintes termos: “A noção de amor (...) define uma concepção particular das relações entre indivíduo e sociedade – imagem da cultura ocidental – a do indivíduo liberto dos laços sociais, não mais derivando sua realidade dos grupos a que pertença, mas em relação direta com um cosmos composto de indivíduos, onde as relações sociais valorizadas são relações individuais”. CASTRO, Eduardo Viveiro de; ARAÚJO, Ricardo Benzaquén de – “Romeu e Julieta e a Origem do Estado” In: VELHO, Gilberto (org.). *Arte e sociedade: Ensaio de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, p.131.

[x](#) A respeito da caracterização psicanalítica dos contos de fada no imaginário feminino, ver Bettelheim, Bruno. *Na terra das fadas: análise dos personagens femininos* (extraído da obra *A psicanálise dos contos de fadas*) - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

[xi](#) Esta mesma caracterização relativa às identidades nacionais foi observada no trabalho de Gustavo Lins Ribeiro, onde investiga brasileiros que residem em San Francisco, EUA. Ver RIBEIRO, Gustavo Lins. “Identidade brasileira no espelho interétnico. Essencialismos e hibridismos em San Francisco. *Série Antropologia*, n ° 241, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1998. E também, do mesmo autor, “O que faz o Brasil, Brasil. Jogos identitários em San Francisco” In: *Série Antropologia*, n ° 237, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1998.

[xii](#) Vale a pena destacar uma das passagens do trabalho de Ribeiro (op. Cit.), em que o autor recolhe do jornal *The New York Times*, em outubro de 1997, uma passagem acerca da imagem estereotipada dos brasileiros no exterior, na ocasião em que o Papa João Paulo II visitava o Rio de Janeiro: “Em um país onde nádegas nuas são comuns nas praias, bancas de revistas vendem abertamente vídeos pornográficos e a dança mais popular inclui girar o pélvis sobre

uma garrafa de refrigerante, o Papa João Paulo II está apelando aos Católicos para que retornem aos valores tradicionais da família” (Sims, 1997).

[xiii](#) A respeito da recorrência deste estereótipo na cultura brasileira, ver Corrêa, Mariza. 1996 “Sobre a Invenção da Mulata”. Cadernos Pagu (6-7) – Núcleo de estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas – SP e também Piscitelli, Adriana. 1996. “Sexo tropical”: comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira”. Cadernos Pagu (6-7) – Núcleo de estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas – SP.